

O SIMULACRO DA ESCRITA DE MEMÓRIA: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, MURILO MENDES E PEDRO NAVA

Adriana Helena de Oliveira ALBANO¹

- **RESUMO:** O artigo analisa o discurso de memória e a relação dessa forma de escrita com a cultura e a história. Para tanto, estuda a presença do negro em quatro livros de memória: *Boitempo* (I e II) de Carlos Drummond de Andrade, *A Idade do Serrote* de Murilo Mendes e *Baú de Ossos* de Pedro Nava.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Escravidão. Cultura.

Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro.

Homi Bhabha (2001, p.65).

Numa via de mão dupla, o objetivo deste estudo é analisar como as memórias de Carlos Drummond de Andrade em *Boitempo* e *Menino Antigo: boitempo – II*, de Pedro Nava em *Baú de Ossos* e de Murilo Mendes em *A Idade do Serrote* negociam a presença do negro no período pós-escravidão e, ao mesmo tempo, perceber algumas das particularidades da escrita memorialista, como sua capacidade de articular a subjetividade com os acontecimentos histórico-culturais. Subjetividade que se compõe também pelo estilo, pela forma de dar-se a conhecer ao outro que, no presente artigo, se faz por meio de poesia (Carlos Drummond), de prosa poética (Murilo Mendes) e do texto descritivo, quase historiográfico (Pedro Nava). O estudo será realizado com base nas considerações de Jacques Derrida em *A escritura e a diferença*, no tocante à constituição do texto memorialista: a relação entre a escrita de si, sua temporalidade complexa e a subjetividade cindida, e ainda, no tocante à relação dessa subjetividade com a cultura, pelas considerações de Homi Bhabha em *O local da cultura*, de Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala* e de Joaquim Nabuco em *O Abolicionismo*.

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Departamento de Letras e Linguística. São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000 – dhianah2004@bol.com.br

Inicialmente, faz-se necessário estabelecer o terreno sobre o qual as considerações sobre o mecanismo de rememoração se projetam. O ato de rememoração nunca se dará para o sujeito da memória como a reprodução pura de um acontecimento, pois a memória, a recordação, a tentativa de repetição de uma experiência, não podem nunca retomar um ponto passado na linha do tempo, pois nem a linha nem o ponto estarão lá, mas ao mesmo tempo é esse ato que garante a rearticulação das considerações subjetivas, a própria sobrevivência do ser, “É certo que a vida se protege pela repetição” (DERRIDA, 2002, p.188). Toda rememoração será articulada com as considerações do sujeito presente, garantindo a atualidade da escrita de memória e a presença dos aspectos de negociação com tal passado. As memórias trazem para o presente da escrita a forma de um sujeito enxergar os acontecimentos de um mundo de individualidade marcado por experiências únicas. A partir desse acontecimento, de um desejo de recuperação, movido pela falta, a falta da infância, a falta do menino que viveu as experiências, a falta do passado, surge a realidade do texto dada pela rememoração. Realidade baseada na ficção criativa do artista que transpõe o mundo de suas vivências para o papel, preenche o espaço da folha e o das lembranças que faltam no movimento de constituição de si mesmo, daquele outro a buscar o encontro com o *eu*. Felizmente, tal encontro se torna impossível na medida em que ambos os sujeitos estão em planos diferentes e se transformam constantemente rumo ao encontro um com o outro.

Entretanto, a escrita de rememoração se funda mesmo na utopia, na esperança do encontro, e só por isso ela se torna possível.

As memórias negociam, de forma fecunda e criativa, as experiências vividas em um tempo de formação do sujeito e da sociedade e apresentam “o lado de cá” do discurso oficial, desconstruindo a noção deste como uma verdade imutável. Nesse trabalho de interferência e desconstrução, histórias de discriminação e injustiça surgem e questionam a construção do passado de um povo, denunciando o processo desigual da formação da identidade das classes e sexos. A trajetória individual de rememoração, no caminho de retorno ao tempo da infância, realiza um trabalho de releitura e acaba por transformar a história pretérita.

A ideologia deseja que os valores se mantenham e se perpetuem, para que a ordem estabelecida não seja sequer abalada, e que nesse processo de uniformização não haja espaço para críticas ou opiniões discordantes. No processo de escritura memorialista, as representações do vivido não se constituem somente a partir do interior do indivíduo, mas também dos fatos externos a ele, envolvendo todo o árduo contar da coletividade, com suas lutas e conquistas.

O trabalho de narrar as próprias experiências acaba por aproximar o *eu* dos objetos e seres aos quais se refere. Há um intercâmbio entre o que é narrado e o sujeito narrador, que se inter-relacionam numa via de mão dupla, pois o processo

de significação, muitas vezes, se faz inicialmente a partir de um acontecimento observado e não vivido propriamente pelo personagem das memórias.

Quando se está investigando o passado, redescobrimo-o, há a seleção daqueles fatos mais significantes, o que já representa um ganho para o leitor, uma vez que esses fatos não estão presentes “impunemente”, mas representam aquilo que é significativo para o escritor, ou para a história, ou para ambos. Outro aspecto vantajoso para o leitor é que tudo isso é feito criticamente, já que o autor, ao contrapor o tempo passado com a presente formação pessoal, traz consigo reflexões e observações que garantem um novo olhar. Serão contados fatos pré-selecionados — de acordo com a demanda da escritura e segundo suas considerações, que muitas vezes é a de se desenvolver por conta própria, levando o autor a lugares que ele não desejava ir — revistos criticamente e ainda articulados com as experiências posteriores. Fato que garante a atualidade das memórias, sua produtividade.

Memórias de um acontecimento

Este estudo, como dito anteriormente, em uma de suas vias, coloca a posição, o desvelamento de um período histórico através do olhar de três poetas que construíram uma vasta obra, heterogênea, rica e multifacetada. Obra exploradora do ser e do imaginário conflituoso de uma geração. Aspecto característico da sensibilidade aguçada e da visão que percebe a complexidade do ser humano.

Na trajetória empreendida pelos autores, notamos que há uma linha mestra marcante que é a representação do testemunho de uma época. Mas podemos afirmar também que toda produção literária quando passa a ser analisada num recorte determinado é capaz de apresentar o olhar individual sobre um período. O recorte revela o acontecimento da obra dentro de certas disposições, assim como as relações internas ligadas à temporalidade histórica, propiciando uma forma de interpretar e a possibilidade de nos relatar o outro lado da temporalidade. As memórias são um tecido textual composto pela história da escrita e do homem, história do ser como pre-sença no mundo, sua condição por excelência. Memória como presença de uma ausência, a ausência dos fatos. Daí, observamos que se compreender o ser é compreender o mundo em que está inserido, compreender a memória é enxergá-la como discurso de representação das vivências e de certa visão de mundo com o poder de renegociação.

É importante ressaltar que qualquer hipótese levantada será concernente aos livros que propusemos previamente e não às obras dos autores como um todo. Importa-nos lembrar também que a intenção desse trabalho é de investigação e questionamento na busca de acrescentar análises e diálogos contemporâneos à vasta produção existente acerca dos livros dos poetas mencionados. Nossa intenção não é estabelecer nenhuma verdade sobre a “realidade” da escravidão, mas sim

enxergar, a partir da leitura e análise das memórias aqui propostas, as possibilidades de tal estratégia para que possamos perceber esse acontecimento histórico-social no espaço individual, íntimo.

Na poesia drummondiana realiza-se, nos dois livros, *Boitempo* e *Menino Antigo: boitempo – II*, o movimento de rememoração complexo, em que o trabalho com o *eu*, o menino e o narrador articula-se com o tempo num retorno impossível, mas perseguido, prometido, que mais dispersa do que reúne. O que provoca uma desarticulação do tempo “perfeito”, centrado em uma “agoridade” que determina o passado e o futuro a partir de si. O texto do itabirano condensa passado, presente e futuro e ainda a subjetividade, que passa então a diluir-se com a temporalidade para se reformular a partir dela, que é sua própria matéria. Esse mesmo processo, de um-no-outro, acontece com o tempo que se torna então constitutivo do ser, mas vai além dele, incomensurável. Tais noções se relacionam com as perspectivas temporais propostas através das considerações que derivam do livro de Derrida, *A escritura e a diferença*, numa releitura do Freud do “bloco mágico” e ainda das considerações de Foucault (1990) no texto intitulado *O pensamento do exterior*.

Na poesia drummondiana, o olhar do menino relaciona a sexualidade com a presença da negra em muitos poemas. Tal presença se torna mais enfática na medida em que o desejo se realiza, se transforma em ato. Em “Ar livre”, a natureza é cenário da experiência vivida:

Sopra do Cutucum
uma aragem de negras
derrubadas na vargem.
Venta no Cutucum
um calor de sovacos
e ancas abrasadas.
A cama é a terra toda
e o amor um espetáculo
oferecido às vacas
que não olham e pastam.
A carne sobre farpas,
pedrinhas e formigas,
dói que dói e não sente,
na urgência de cumprir
o estatuto do corpo.
E todo o Cutucum
é corpo preto-e-branco
enlaçado em si mesmo
e chupando, e chupando.
(ANDRADE, 1973, p.54).

Vento, vargem, vaca, terra, na aliteração o poeta compõe o cenário de sua origem, o espaço natural. Nele, não há identificação de sujeito ou de indivíduo. Ao contrário, há a personificação do lugar, o Cutucum. Há aqui a conotação do sexual já nos primeiros versos. O odor sexual e o apelo ao olfativo intensificam o ambiente e estimulam ao ato. As “ancas abrasadas” são percebidas no ar. Os vocábulos nos remetem ao universo pagão, de Vênus e Baco. Ali não há pecado, pois não há interdição, está localizado fora das instituições sociais. É um lugar de liberdade para o menino antigo, onde o poder do pai não está presente. Espaço do negro, o Cutucum era onde a liberdade se fazia presente, onde as pessoas, os animais, a terra e as plantas encontravam-se em sua existência natural. O poema é dividido em três partes, em que se apresenta o cenário para depois descrever o ato que se dá ao “ar livre”. Depois há a volta para o cenário fundindo-o com a ação e os personagens. Tal construção nos remete primeiramente à fusão do homem com a natureza, com a sexualidade no espaço pagão em que o catolicismo, apesar de não interferir no acontecimento, “na urgência de cumprir / o estatuto do corpo”, não o ignora:

E no entanto o Cutucum, de que você veio, num dia remoto do século 19, está situado nesse distrito do Carmo, de que o padre Júlio assinalava o “dêscalabro social”, a “polícia fraquíssima e nula”, a “deficiência de educação e princípios religiosos”, a inclinação “a toda sorte de orgias.” (ANDRADE, 1964, p.560).

A voz do senso religioso não deixa de perceber o que acontece no *Cutucum*. Contesta o comportamento libidinoso do lugar, mas não a escravidão ou as condições as quais os descendentes de escravos foram submetidos. Ao contrário, os padres muitas vezes possuíram escravos e eram cúmplices das atrocidades dos senhores de engenho.

O espaço do Cutucum, na medida em que é recortado de forma a não estabelecer uma sequência ou sucessão dentro da obra, constrói-se a partir da subjetividade verbal. Pode apresentar o olhar sobre as relações estabelecidas na sexualidade do branco com o negro. No poema “Ar livre”, o sujeito da escrita nos oferece a visão do branco, do branco que no espaço negro, o Cutucum, recria a cena sexual pós-escravidão. Lugar de satisfação da carne na concepção do menino, o mundo do negro se manifestava como inferno para o padre, mas a voz é do menino em ambos os casos. Logo, é o paradoxo que se instala, o lugar de satisfação e de danação.

Tais aspectos revelam também a constituição da identidade do sujeito através da escrita, identidade não linear, não organizada coerentemente e muito menos composta por um único desejo subjetivo. Ao mesmo tempo em que os recortes nos mostram a negra sendo utilizada como objeto sexual e reforçam o estereótipo de sensualidade, há também o reconhecimento da situação em que esta é colocada no ambiente da casa grande. No poema “Negra”, encontramos a denúncia à exploração desse ser:

A negra para tudo
a negra para todos
a negra para capinar plantar
regar
colher carregar empilhar no paiol
ensacar
lavar passar remendar costurar cozinhar
rachar lenha
limpar a bunda dos nhozinhos
trepár.

A negra para tudo
nada que não seja tudo tudo tudo
até o minuto de
(único trabalho para seu proveito exclusivo)
morrer.
(ANDRADE, 1974, p.23).

Apesar de o poeta haver nascido após o período escravocrata, a descrição do dia-a-dia da negra é bem específica. Indica a manutenção do regime escravocrata, a situação servil que se perpetua. A expressão “A negra” generaliza e determina o tratamento da mulher negra e suas funções diárias. A disposição dos versos, a ausência de pontuação e a repetição — “tudo, tudo, tudo” — denunciam o ritmo do trabalho: ininterrupto e constante. O corpo da mulher negra é literalmente seu instrumento de trabalho. É importante notar como se dá a representação da vida diária da negra por meio do poema. O sujeito textual realiza a significação, a interpretação do acontecimento e da história dita oficial. O que proporciona ao leitor um ganho na representação de determinado período histórico e o retrato da condição humana.

Como processo de resgate do *eu* na escrita, a autobiografia vai tentar reconstruir o vivido de maneira ordenada e heterogênea. Entretanto, como trabalho que se realizará *a posteriori*, revela o jogo instável da articulação de tempos (passado, presente e futuro), sentimentos, cultura, consciente / inconsciente, com o discurso literário. Projeta-se para “[...] além das palavras, como um segredo ignorado até mesmo por seu portador, a responsabilidade absoluta [com o Outro] importa na reversão e deslocamento do sujeito auto-centrado ou do valor metafísico de presença.” (NASCIMENTO; GLENADEL, 2000, p.14). Dessa forma, acontece no movimento escritural a manifestação de novos significados. Manifestação que quando relacionada com fatos históricos marcados; a escravidão e a abolição, reconta aquelas outras histórias paralelas à história oficial. Desmistifica verdades estabelecidas e abre o passado para discussão de valores existentes na sociedade atual.

Drummond, em *Menino Antigo*, dá continuidade, através do poema “Mancha”, às referências à história dos escravos no Brasil:

Na escada a mancha vermelha
que gerações seqüentes em vão
tentam tirar.

Mancha em casamento com a madeira,
subiu da raiz ou foi o vento
que a imprimiu no tronco, selo do ar

E virou mancha de sangue
de escravo torturado – por que antigo
dono da terra? Como apurar?

Lava que lava, raspa que raspa e raspa,
nunca há de sumir
este sangue embutido no degrau.
(ANDRADE, 1974, p.35).

A história brasileira é poeticamente apresentada no poema *Mancha*. Nos primeiros versos percebemos que a “mancha” a que o poeta se refere é proveniente de um tempo longínquo. O que nos remete não só a escravidão, mas a todo processo em que esta se deu, desde o rapto dos africanos da terra natal, retirados violentamente de sua cultura e família, até a chegada ao Brasil dos navios negreiros. A mancha da madeira pode estar na terra, encharcada de sangue negro e subir pela raiz e cravar na madeira presente em quase todos os ambientes. Mas pode também ter sido impressa pelo vento: “selo do ar”. Pois é percebida em todos os espaços, todos os cantos, dentro e fora. O “antigo dono da terra” não mais pode ser responsabilizado, mas deixou a herança, a assinatura, a marca de sua participação. A repetição dos vocábulos na última estrofe nos remete à necessidade do próprio poeta em esquecer o passado do qual todos fazemos parte, por mais bárbaro que seja. No presente da escrita, paradoxalmente, precisa lembrar o que ocorreu, precisa trabalhar tal acontecimento, ao mesmo tempo em que questiona e denuncia. Está ciente da limitação que o tempo impõe.

As experiências de testemunho, como as encontradas na obra drummondiana, apresentam as injustiças. São narradas em forma de recordações da infância. Ao mesmo tempo em que o autor tenta renegociar sua culpa, assim como se redimir com o passado, denuncia aspectos da escravidão — ou de sua perpetuação mesmo após a abolição — através, ora da narrativa de fatos acontecidos com seus antepassados, ora experienciados pelo *eu*, o que nos faz observar a face privada da escravidão. O sujeito textual afirma que por mais que se tente esquecer o passado, ele estará

sempre presente, uma vez que as relações de exclusão se perpetuam e, como previu Joaquim Nabuco, geraram uma classe de proletários. O questionamento do *eu* poético, “Como apurar?”, nos dá a impressão de impossibilidade, pois não há mais como identificar ou punir os culpados. Somente o que resta a fazer é denunciar o fato para que no futuro, ou no presente da escrita, algo seja feito para a população gerada por três séculos de escravidão.

O futuro, a trajetória do escritor filho de fazendeiro e a dos escravos alforriados caminham em direções diferentes. A constatação ilumina as contradições da sociedade patriarcal, revela uma realidade social. Enquanto o menino tornou-se funcionário público, os ex-escravos continuaram na posição de subalternidade, que se seguiu na história até os dias atuais.

Em *A Idade do Serrote e Baú de Ossos*, mais marcadamente no livro do médico escritor, percebemos a presença de relatos da situação do negro no período pós-escravidão perpassando o ambiente das cenas da infância. Nava, ao descrever sua ascendência, os galhos da árvore genealógica se bifurcam. Nesse caminho, a história brasileira se condensa com tal narrativa. É interessante notar como *Baú de Ossos* se aproxima do livro de Gilberto Freyre (2000), *Casa-grande & senzala*. Em ambos percebemos o olhar histórico permeado pela percepção e pela posição social do narrador, aspecto também notado por Davi Arrigucci Junior (1987) em *Enigma e comentário*. O fato enriquece tanto a obra do médico quanto o gênero memorialístico, que “[...] ganha mais realidade, está mais condizente com o contexto, pois o conceito só existe quando acontece de forma dinâmica, se relacionando não só com um, mas com vários contextos. Assim não é reduzido a um denominador comum.” (ADORNO, 2003, p.42).

A realidade dos fatos trazida pela escritura de memória, ao descrever de forma corriqueira o acontecimento íntimo da escravidão, desvela o outro lado da história. As memórias não se prendem ao que seria correto dizer tanto sobre a escravidão quanto sobre a relação da família do médico com o acontecimento histórico. Dessa forma, o texto passa a representar a história de todos os brasileiros. Vários são os casos contados em que percebemos a visão da época sobre o negro:

O sangue saía pelas unhas. Ao bolo, as mãos viravam bolas. Bolas de dor. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis dúzias, mais, o dobro, agüenta cachorro! mija negro! uma grossa de bolos bem puxados por ordem de sinhá, por ordem do sinhô, e as casas não tinham poeira, os pratos eram perfeitos, os metais reluziam como o sol [...]. E o preceito antigo, para negro, como dizia meu tio Júlio Pinto, era angu por dentro e pancada por fora — à vontade. (NAVA, 1972, p.135).

Nava recria através da linguagem a imagem da cena. Pinta suas cores e a violência do acontecimento, “o sangue saía pelas unhas”, “mija negro”. A gradação

ascendente das pancadas e a extensão da gradação dão intensidade ao ato e demonstram o desejo do *eu* em apresentar a cena com veemência. Ao descrever os castigos, o sujeito textual expõe os familiares ao mesmo tempo em que desvela o período histórico posterior à abolição, revelando, por meio de seus relatos, parte de uma história que não foi contada. Quando em meio à descrição introduz a fala dos parentes, dá maior realidade à cena. Por meio da rememoração, o narrador coloca o acontecimento da escravidão destacando-a do fundo, que são as memórias. Nesse processo, mostra-se o que ainda permanece vivo dentro do sujeito e merece ser contado.

Histórias tão cruéis quanto as contadas por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, em Nava (1972, p.114) são datadas como documento e possuem a garantia do registro oficial:

De Santa Bárbara, Luís da Cunha passou-se para Sabará e lá esteve pelo menos entre 1855 e 1858 [...]. O 1855 foi também a data de um crime que deixou lembrança nos anais judiciários de Minas. Nele pereceu uma odiosa sinhá, cruel e sádica, que tinha mania de sapear os genitais das escravas, como se faz a frango, depois de depenar.

As histórias da formação da nação brasileira, da barbárie acontecida na origem do país e que não terminaram no 1888, estão presentes em sua própria história. Como uma via de mão dupla, na obra do médico a história oficial oferece material para a memória pessoal e esta ajuda a compor aquela, numa escrita *Frankenstein*, como diria o próprio escritor, e a tudo isso ainda se acrescentariam os momentos de *madeleines*. Há momentos em que a lembrança sensorial se articula com a escrita *Frankenstein*, em pedaços, que tudo recolhe para a formação das memórias e do sujeito. O que acontece também com Murilo, embora com menor ênfase, na medida em que este pertenceu a uma família sem um histórico escravocrata nitidamente marcado.

Parece que Nava se relaciona documentalmente com a maioria de seus antepassados com quem teve pouco ou nenhum contato. Muitas vezes, ao se referir a casos relacionados aos parentes distantes afetivamente, preocupa-se mais com o contar a “verdade”, demonstrando suas várias faces, ou seja, dá a conhecer ao leitor tanto o aspecto socialmente aceito, quanto o condenável. Tal simultaneidade pode ser fruto do desejo de que as memórias estejam realmente bem próximas do documento, sem o juízo de valor daquele que escreve. Num trecho do livro analisado é revelado tal desejo: “Cuidando dessa gente em cujo meio nasci e de quem recebi a carga que carrego (carga de pedra, de terra, lama, luz, vento, sonho, bem e mal) tenho que dizer a verdade, só a verdade e se possível, toda a verdade.” (NAVA, 1972, p.211). O desvelamento de aspectos indesejáveis da personalidade pode ser

notado não só no fato de que muitos de seus familiares descritos no conjunto das *Memórias* se sentiram injustiçados, mas também nos trechos descritos a seguir:

Em casa de minha avó materna funcionava o sistema. Ela era mesmo tida como grande disciplinadora de negrinhas [...]. Para o arbítrio da inhá Luiza, nem o batismo tinha barreiras. Ela revogava o sacramento quando a graça das negrinhas parecia de moça branca. O quê? Evangelina Berta? Absolutamente. Fica sendo Catita, que isto é que é nome de negro. (NAVA, 1972, p.259).

A personagem “inhá Luiza” assemelha-se àquela matrona criada por Monteiro Lobato (1948) no conto *Negrinha*. A viúva do conto e a personagem de Nava representam todas as senhoras mineiras que não aceitaram o fim da escravidão. Aqui, o texto novamente dá voz ao personagem e recria a cena, tenta mostrá-la em sua originalidade. É como se o sujeito das memórias se tornasse isento de participação no mau tratamento dado aos negros.

[...] tio Júlio – todo carrancudo, disparatando com os sobrinhos e os moleques de servir, mas todo terno com as sobrinhas e com as crias. Sempre que ele via uma, com um menino no colo, vinha acarinhar a criança para, na confusão, pegar nos peitos da ama-seca (NAVA, 1972, p.262).

A descrição de “tio Júlio” e seu comportamento com as amas-secas evidenciam os defeitos de caráter. Estilo narrativo que surge como traço da escrita de Nava. Muitas vezes as caracterizações de pessoas são feitas na narrativa de forma a apresentarem seu lado mais negativo, mais sádico. Uma pintura que expressa o comportamento humano e social.

O sujeito da escrita revela fatos que denunciam o outro lado da história. Nos faz enxergar que as datas históricas não demarcam o início ou fim de um acontecimento, e que ao redor deste, muitas outras histórias se fazem presentes, mostrando que não há linearidade nem heterogeneidade histórica. A argumentação se refere tanto ao fim da escravidão, que não terminou no ano de 1888: “Curioso é que era na despensa que a inhá Luiza guardava sua palmatória de cabiúna e lá é que ela passava as rodadas de bolo nas crias da casa. Como se não tivesse havido princesa Isabel nem treze de maio.” (NAVA, 1972, p.271-272).

Nos voltaremos agora para o fecundo texto do menino experimental com o objetivo de perceber o acontecimento de tais produções e como enriquecem o gênero de memórias.

O texto memorialista de Murilo Mendes, *A Idade do Serrote*, se orienta em grande parte pela caracterização de personagens que, de alguma forma, ainda o afetam e compõem o ser da escrita. Na descrição mesma da rua Halfeld, feita também por Nava, mas sob um outro olhar, Murilo Mendes (2003, p.152) afirma: “Escrevo sobre a rua Halfeld sem situá-la no espaço, ocupando-me somente com

as pessoas que percorrem.” A estruturação textual desconstrói a ideia do tempo tradicional para a constituição da memória, recriando um estilo e renovando a escrita na medida em que manifesta a heterogeneidade do ser e de sua forma de expressão. No caso de Murilo Mendes (2003, p.152), “Nada a fazer: assim sou eu, ponho sempre em primeiro plano o homem e a mulher.”

Seguindo a linha mestra que orienta este texto, Murilo Mendes (2003, p.28) vai apresentar o negro na forma das personagens que permearam sua trajetória de menino juizforano. Inicialmente há a presença da negra ama-de-leite, Etelvina.

De suas profundezas trouxe-nos a primeira idéia da cor preta, a noite e adjacências. Fazia escuro, fazia medo no corpo de Etelvina. Seu leite trouxe-nos a primeira idéia de cor branca. Etelvina implicava síntese e ausência de cor. [...] Etelvina serviu-nos de primitiva toca e santuário; aqueles peitos aliantes, beijos vermelhos, olhos de terror, isto é, do nosso terror, faziam de emblemas.

É a mulher que traz o conhecimento de uma parte do cosmos e da vida, estabelecido pela união de contrários, o preto e o branco e, ao mesmo tempo, o medo desse mundo desvendado. Ser silencioso e “enigmático” por sua diferença e proximidade, a ama-de-leite proporcionou-lhe a abertura para à significação do lugar ocupado pelo negro em sua infância. A negra ama-de-leite penetra no mundo da criança e passa a ocupar o campo semântico daquilo que sua cor suscita: “a noite e adjacências”. Lugar marginal de um sujeito diferente, mas dotado de características singulares, as quais através da palavra, da canção *Quindum Sererê*, traz algo novo ao ser da escrita e modifica sua situação de estar-no-mundo, uma vez que para significá-lo, precisará renegociar tudo aquilo que o torna quem é: “Esta cantiga entrou nos meus poros, assimilei-a: começava a música, o ritmo do homem começava; era uma vez, e será para todo o sempre.” (MENDES, 2003, p.29).

Perpetuando o lugar subalterno do negro após a escravidão, percebe-se a presença das empregadas negras no relato muriliano com a referência de respeito a essas mulheres: “Tio Chicó e as excelentes empregadas pretas, Maria Júlia e Luísa, pessoas também finíssimas, da minha reverência” (MENDES, 2003, p.60), assim como a seu rimo de trabalho: “[...] as figuras exemplares das pretas Flausina, Venância e Conceição, máquinas de trabalhar e sorrir [...]” (MENDES, 2003, p.130) assim como a sensualidade ligada a elas. Mas o menino experimental, talvez por não viver a culpa ligada ao sexo, ou ao preconceito racial, realiza as experiências de forma prazerosa:

Teresa, ou melhor, Tetéia, assim se chamava uma jovem mulata adotada por Sinhá Leonor minha prima. [...] Chegando os dois à adolescência comecei a sentir uma forte inclinação erótica por Teresa; ela me correspondia, passando mesmo a assumir um ar mais sério. Desde então, sempre que possível,

aproveitando a ausência das sinhás na fazenda, levava-a até o fundo do pomar. Deitávamos-nos na relva. Eros e a ternura formavam um só todo, [...] Teresa, filha da terra, linda, corporal, indiolata, com a inteligência da ternura me ensinara que o amor e o sexo não têm limites de classe ou raça. (MENDES, 2003, p.153-155).

Teresa também faz parte daquelas negrinhas “adotadas” por senhoras brancas que Nava descreve. Mas aqui há uma diferença. Parece que a personagem de Murilo não teve a mesma sorte que as habitantes da casa de “inhá Luiza”. “Tetéia”, “filha da terra”, mesclava “Eros e a ternura”, amor e sexo. No processo de mitologização característico de sua escrita — estratégia que imortaliza as figuras salvando-as da corrosão do tempo e da morte — o sujeito textual ao saber que Teresa se jogara no rio Paraibuna, deseja ser o rio: “Que não pudesse eu, já agora em ser mitológico, transformar-me em rio!” (MENDES, 2003, p.155).

O discurso revela-nos o contexto familiar em que cresceu, uma família em que a religião proporciona um entendimento da vida e do mundo, um conhecimento humanista. O que não acontece nas memórias de Nava. A escrita rememoradora do menino experimental se estabelece em um campo de desvelamento da vida, de retorno a um universo em que as negociações através da escrita buscam a conciliação do cosmos, o estabelecimento de uma nova ordem em que os padrões tradicionais não imponham limites. Notamos um certo paganismo na escrita no sentido da valorização da potencialidade humana em todos os sentidos, além de seu desprendimento de uma temporalidade marcada e que se liga ao processo eterno do ciclo da natureza, o que podemos notar através de elementos como a lua, a noite, o sol.

Considerações finais

Podemos dizer então, para resumir, que as memórias do médico estudadas aqui, no tocante aos temas tratados, por abordarem de forma documental e com a preocupação histórico-genealógica, diferem do livro de memória de Murilo Mendes. A diferença se estabelece tanto na forma quanto na apresentação do conteúdo. Enquanto o médico descreve predominantemente acontecimentos ligados aos antepassados, Murilo conta as experiências vividas e as impressões pessoais acerca dos personagens que recompõe. Já em Drummond, a repetição de vocábulos, os períodos curtos, o barroquismo e a reflexão sobre o trabalho são marcantes, assim como a ausência de pontuação que ressalta o ritmo dos poemas e em consequência disso, a intensidade de certas passagens significativas para o “menino antigo”.

A narrativa das memórias de um tempo passado, de uma vida vasculhada, traz para o leitor as experiências do narrador, suas constatações pessoais acerca do mais vasto material que compõe a existência humana. Acontece uma tentativa

de encaixe daquilo que é lembrado com a imaginação, com a criatividade e com as considerações do sujeito atual. O escritor compartilha suas vivências, suas opiniões, seu processo de criação de uma verossimilhança fictícia com o leitor. Isso garante um depoimento não só embasado na realidade da formação do sujeito em seu mundo mais interior, mas também do mundo exterior, dos acontecimentos sociais.

O diálogo seletivo e em permanente mudança entre o passado e o presente nos faz perceber que os nossos desejos presentes estão relacionados ao que e como lembramos, seja na memória individual ou na memória coletiva.

A partir da leitura implícita do social no literário, podemos observar o acontecimento do texto. Este é composto por um tecido de significações múltiplas que se relacionam com o contexto no qual se insere. Texto e contexto se apresentam como uma via de mão dupla e se contaminam. A produtividade do olhar daquele que experiencia apresenta o local, o individual das histórias da formação de um povo.

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o ‘Socius’; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade. (BHABHA, 2001, p.73).

Através do conhecimento de que a história é heterogênea, e principalmente, comporta identidades heterogêneas, políticas serão necessárias para que a sociedade caminhe para um futuro mais justo. As diferenças não podem ser sinônimas de exclusão, mas sim a indicação da necessidade de solidariedade.

ALBANO, A. H. de O. The Simulacrum of the Writing of Memory: Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes and Pedro Nava. *Itinerários*, Araraquara, v.28, p.199-212, Jan./June 2009.

■ **ABSTRACT:** *This article analyses the discourse of memory and the relationship of this form of writing with culture and history. In order to do so, this work studies the Black presence in four memory books: Carlos Drummond de Andrade’s “Boitempo” (I and II), Murilo Mendes’s “A Idade do Serrote” and Pedro Nava’s “Baú de Ossos”.*

■ **KEYWORDS:** *Memory. Slavery. Culture.*

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Dossiê Cult-100 anos. **Cult**, São Paulo, n.72, p.42-64, 2003.
- ANDRADE, C. D. de. **Menino antigo**: boitempo-II. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.
- _____. **Boitempo & A falta que ama**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.
- _____. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- ARRIGUCCI JUNIOR, D. Móbile da memória. In: _____. **Enigma e comentário**: sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.67-111.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana de Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. 3.ed. Tradução de Maria Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FOUCAULT, M. **O pensamento do exterior**. Tradução de Nurimar Falci. São Paulo: Princípio, 1990.
- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 40.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LOBATO, M. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- MENDES, M. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- NASCIMENTO, E.; GLENADEL, P. (Org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- NAVA, P. **Baú de ossos**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

